



## Cusco em dia de mudança

Silvia Generali da Costa

Uma expressão gauchesca bastante conhecida é “mais perdido que cusco em dia de mudança”, o que quer dizer que alguém está desorientado, desorientado, atrapalhado. Um dia de mudança é o início de um período no qual nada se encontra aonde se imagina que possa estar, nada funciona como antes, o piloto-automático foi desligado. Gestos simples como tomar um café geram questões difíceis como: “aonde está o café? As xícaras foram lavadas? O fogão já foi instalado? Qual será o melhor lugar da nova casa para saborear um bom cafezinho? Os hábitos nos são subitamente arrancados e tentamos reproduzir, na nova morada, um pouco dos antigos cenários e costumes, tão familiares e preciosos. Fico pensando se a repetição e a previsibilidade também viajam junto conosco, no caminhão de mudança, ou se “mudar de casa” também é “mudar de vida”.

Uma amiga, que auxiliava a filha na mudança de residência em Israel, postou no Face que uma mudança é sempre uma oportunidade de renovação. De se desfazer das coisas que não são usadas, das roupas que não servem mais (e que achávamos que, quem sabe, poderiam voltar a servir algum dia), da louça quebrada, das lembranças que não são boas. Também é uma chance de relembrar e decidir que algumas coisas são para se guardar, e se fazer, e tornar a se fazer: rever fotos antigas, reencontrar bons livros, encontrar o cartão com o telefone da amiga que há muito não se vê.

Mas mudança também é, principalmente, o momento para se fazer escolhas e se colocar as coisas em uma nova perspectiva. Qual o estilo de vida que pretendemos adotar? A casa com cerquinha branca, representação clássica da grande “família de propaganda de margarina”, com suas crianças e cachorros? O loft descolado para o qual são levados apenas os CDs de jazz e uns poucos livros? O apartamento minúsculo em um prédio-clubes, que nos obrigará a interagir com a vizinhança como se fossem nossa família? No bairro tranquilo ou no bairro dos bares e restaurantes? Perto ou longe do trabalho, ou da escola dos filhos, da mãe e da sogra? Muito longe? Uma casa mais simples, que cabe bem no bolso, ou uma mais sofisticada, porém que apertará o orçamento todo mês? Perto de uma praça, para se poder caminhar, ou de um shopping, para se poder comprar com mais frequência e conforto?

A escolha da casa reflete a escolha do modo de vida que se pretende ter,

ou que se necessita ter, ou, em último caso, que se poderá ter, de fato. E reflete também a passagem inexorável do tempo, o ciclo da vida, as fases, as perdas e os ganhos. Primeiro passo: a independência. Apartamento alugado, pequeno, perto da faculdade, barato e meio improvisado. Depois, a entrada para aquele apartamento mais ajeitadinho, comprado com suor e esforço, e com a ajuda de pais e sogros: agora somos dois. De repente, o apartamento de um quarto ficou pequeno em meio a fraldas, mamadeiras e brinquedos. A chegada dos filhos obriga a expandir a área útil. Mais um filho, empregada doméstica, talvez a sogra que precisa de cuidados e o inevitável cachorro depois de tentativas frustradas de acalmar as crianças com hamsters, calopsitas, porquinhos da índia, tartarugas e outros bichinhos (abaixo do cão na escala de preferência infantil). A casa cresce. Também, sem aviso prévio, como se fosse de repente, algo surpreendente, a sogra nos deixa, o cachorro se foi (de tão velhinho), os filhos cresceram.

Como? O teu filho está na Austrália fazendo intercâmbio? – pergunta a amiga espantada. Mas ele era tão pequeninho! “Sim”, você responde. Ele foi passar um ano na Austrália. E a menina vai, no ano que vem, para os Estados Unidos.” Sim, a casa, de uma hora para a outra, ficou enorme, silenciosa, em qualquer estado entre o chato e o tranquilo, entre o alívio e a saudade desesperadora.

Os mais afoitos já transformam o quarto do mais velho em sala de TV. Os esperançosos arrumam, com cuidado, cada cantinho da peça, na esperança de que a cria volte a se aninhar como antes. Outros esperam. Esperam que os filhos casem, que os netos cheguem, e que a casa volte a ficar cheia e desarrumada, que a pia transborde de louça do almoço de domingo.

Torço para que os velhos hábitos nunca possam se reestabelecer, a não ser a mania de abraçar e beijar as pessoas queridas, de ficar próximo dos amigos, de ter sempre um cantinho para os filhos, para os netos, para os mais velhos e para os mais moços.

A casa dos que amam sempre é grande o suficiente, é quente o suficiente, é acolhedora. A casa dos pais é protetora; já a casa dos avós é um território selvagem para grandes descobertas. A casa dos filhos, motivo de orgulho. Sejam mansões, sejam choupanas.